

APROXIMAÇÕES SOBRE HERMENÊUTICA E EDUCAÇÃO

Jose Bolzan¹

*Hermenêutica é a análise interpretativa das expressões
lingüísticas no sentido de desocultar o significado, interpretar
e compreender a força expressiva colocada na palavra.
(Ernildo Stein).*

RESUMO

Partindo de uma abordagem originária e evolutiva da hermenêutica, o presente artigo tem como escopo oportunizar aos leitores uma aproximação reflexiva sobre a experiência hermenêutica, conceito em torno do qual se estrutura a obra **Verdade e Método** de Hans-Georg Gadamer. A experiência, enquanto expressão reveladora da finitude humana, é tematizada na fundamentação dialética do ato de perguntar. A linguagem, como *medium* universal que possibilita a aprendizagem do mundo, permite que a educação se articule via processo comunicativo-dialógico, possibilitando que cada um possa dizer o mundo do seu jeito.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica. Experiência. Linguagem. Perguntar. Educação.

THE APPROXIMATIONS ABOUT HERMENEUTICS AND EDUCATION

ABSTRACT

Starting from an original and evolutive approach of the term hermetic, this paper has the objective of providing the readers with a reflexive closeness about the hermetic experience, whose concept the masterpiece **Verdade e Método**, of Hans-Georg Gadamer, is all about. This experience, as a revealing expression of human limitation, is themed in the dialectical foundation of questioning. Language, as a universal means of learning the world, allows for the articulations of the communicative process so each one of us can see the world in our own way.

KEYWORDS: Hermeneutics. Experience. Language. Education.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor de Filosofia e História na rede pública estadual do Rio Grande do Sul – RS.

INTRODUÇÃO

A hermenêutica é a arte da interpretação. Ela representa o esforço da razão no sentido de recolocar a temática da incompletude humana no seu devido lugar. Neste sentido, grandes foram os esforços, principalmente, de Heidegger e Gadamer, entre outros, no sentido de possibilitar a compreensão do complexo mundo humano. A redescoberta da historicidade como categoria fundante da natureza humana permite a revelação do ser a partir da sua finitude. Nesta perspectiva, a hermenêutica desponta como uma reformulação da razão crítica que permite conhecer o mundo por um caminho diferenciado ao do método científico. Para tanto, oportunizamos inicialmente, para os não familiarizados com o tema, uma breve abordagem histórico-etimológica da racionalidade hermenêutica, procurando mostrar a sua relevância no processo crítico de redescoberta da finitude humana no contexto lógico-analítico. Analisando a estrutura sistemática da obra de Gadamer, realçamos algumas das preocupações da publicação, bem como as grandes linhas estruturais do livro. Na seqüência, trazemos à discussão a questão da experiência hermenêutica, mostrando como Gadamer a articula no seu pensar. A efetivação da experiência, entretanto, engendra-se no ato de perguntar como caminho imprescindível para o conhecimento. Perguntar é colocar no aberto o perguntado e ao mesmo tempo abrir a possibilidade de desvelamento do ser. Neste sentido, a pergunta funda o ato dialético de conhecer. Este, por sua vez, é articulado e possibilitado na estrutura comunicativa da linguagem como o *medium* universal que permite a realização da compreensão. A linguagem é o resultado do empenho dialógico-dialético da razão a qual possibilita a instauração do sentido pela articulação da experiência. Enfim, numa aproximação produtiva entre hermenêutica e

educação, podemos dizer que somos, em parte, o resultado dos movimentos culturais e dos processos históricos. Para Gadamer, educar é educar-se no processo dialógico-comunicativo que sempre somos. A educação funda o processo de reinvenção do humano, possibilitando que cada um possa dizer o mundo a partir das próprias convicções.

APORTES ETIMOLÓGICOS

O termo hermenêutica tem sua origem no vocábulo *hermeneia* e designa a arte de 'interpretar'. A significação etimológica vem associada a vários outros sinônimos, ou sentidos afins, como: esclarecer, declarar, anunciar, proclamar, ou ainda traduzir. Esta multiplicidade de acepções gira em torno de um único e fundamental sentido, qual seja, tornar algo compreensível, fazer compreender, levar à compreensão algo por meio de palavras, ou ainda, transportar o sentido conservando o significado de uma expressão vocabular para outra língua.

O surgimento da hermenêutica articula-se no contexto religioso grego com o sentido de proclamar ou anunciar. Está vinculada a Hermes, o deus-mensageiro alado da mitologia grega, o qual encarregava-se da tradução dos oráculos (resposta dos deuses). Como mensageiro do sentido, deveria tornar a mensagem divina compreensível para o mundo humano. Por isso lhe são atribuídas a invenção e a difusão da escrita e da linguagem.

Segundo Palmer (1989), a hermenêutica foi amplamente utilizada no âmbito da teologia cristã como recurso para traduzir a Revelação. Como comentário aos textos bíblicos é um recurso paralelo à exegese, oportunizando a interpretação da **Bíblia** enquanto anúncio, tradução e comentário.

Na acepção que vigora atualmente, a hermenêutica é resultado do grande processo

transformador ocorrido na modernidade. No século XIX com Schleiermacher (1768-1834) e Dilthey (1833-1911), ambos ligados à Escola Histórica alemã, toma forma uma hermenêutica de cunho filosófico, cujos esforços se concentraram na elaboração de uma “tecnologia” que pudesse servir de modelo no processo de interpretação, a exemplo do paradigma científico.

Na seqüência, Martin Heidegger (1889-1976), empreende um hercúleo esforço de sistematização da racionalidade hermenêutica, elevando-a à categoria de “fenomenologia do *dasein* e da compreensão existencial”. Assim, a razão hermenêutica assume o caráter de “explicação fenomenológica da própria existência humana. [...] a compreensão e a interpretação são modos fundantes da existência humana” (PALMER, 1989, p. 51). Essas estruturas da compreensão heideggeriana são denominadas existenciais, ou seja, estruturas do poder ser, ou categorias pelas quais o homem se constitui e, portanto, pode ser compreendido. O acesso ao humano articula-se através dos existenciais, como código fundamental, pelos quais é permitido compreender e explicitar as possibilidades humanas.

Hans-Georg Gadamer, (1900-2002), radicaliza a questão da finitude humana na sua historicidade. Stein, analisando a obra de Gadamer (1986, p. 36), entende que “[a única possibilidade de se aproximar da questão do homem situa-se na comunicação dos homens entre si. Esta é possível, diz-nos a experiência”. A experiência da linguagem, que é comunicação, oportuniza o encontro dialógico com o ser, consigo mesmo e com o outro. Neste sentido, segundo a interpretação de Palmer (1989, p. 52), “a hermenêutica é um encontro com o ser através da linguagem”. Portanto, é em torno da linguagem que Gadamer radica e articula a possibilidade do entendimento humano. A linguagem é o princípio de racionalidade, através do qual se

permite ao homem pensar o todo. É o *medium* no qual se funda e sustenta todo o conhecimento. O acesso ao objeto se dá via sentido, via significado, permitindo que o saber aconteça mediado pela linguagem. Por isso, a famosa frase de Gadamer (1999, p. 687), “Ser que pode ser compreendido é linguagem”, com a qual pretende sintetizar o seu pensamento.

Entretanto, além da hermenêutica de cunho filosófico, que acabamos de mencionar, existem outras formas de aplicação do questionamento hermenêutico, que são reconhecidamente produtivas quando aplicadas no campo das ciências humanas, tais como: na jurisprudência, na história, na filologia, na teologia e na literatura. Cada uma destas áreas de conhecimento, a seu modo, oportunizam uma abordagem particular ao problema central da interpretação, seja analisando a representação de pontos de vista, seja esclarecendo aspectos diferentes, seja especialmente na questão da interpretação de textos.

Enfim, a hermenêutica, enquanto modelo alternativo de racionalidade, permite um olhar crítico revitalizador sobre o paradigma científico. Com isso, abre a possibilidade de uma interpretação que não considera a individualidade objetivamente isolada, mas oportuniza a valorização do caráter histórico-cultural que, de modo inconsciente, carregamos às costas. A ciência precisa reconhecer o papel da hermenêutica no processo de construção e reconstrução do conhecimento, bem como sua tarefa de reaproximar os múltiplos horizontes do mundo da vida com o saber científico, para torná-lo mais fecundo. O saber não tematizado oportuniza uma visão diferenciada de ciência que “no nascente paradigma pós-moderno [...] passa a habitar novamente o mundo dos homens, imperfeitos, incompletos e errantes” (COSTA, 1994, p. 42). Portanto, a hermenêutica tem a pretensão de explicitar os muitos âmbitos velados do saber.

SOBRE – VERDADE E MÉTODO

O livro intitulado **Verdade e Método** é considerado a mais importante e completa publicação de Hans-Georg Gadamer, no qual expõe, de forma sistemática, o núcleo duro do seu pensamento. Publicado em 1960, faz uma exaustiva crítica sobre a histórica evolução da hermenêutica. O livro oportunizou uma espécie de síntese, como quase sempre ocorre com os grandes pensadores, que permitiu conectar investigações paralelas e fragmentárias sobre a hermenêutica de então. Nela assume radicalmente a historicidade da racionalidade expressa na idéia da finitude, procurando demonstrar que o conhecimento acontece sempre mediado por “prejuízos”, isto é, por condições históricas e lingüísticas.

O título **Verdade e Método** justifica-se, segundo Stein,

[...] porque na tradição lógico-semântica, toda a verdade está ligada ao método – o método dedutivo e indutivo, fundamentalmente. [...] tenta mostrar, nas três partes do livro, que existem, no nível da experiência da arte, no nível do conhecimento histórico e no nível da linguagem, três verdades que não são verdades produzidas pelo método lógico-analítico. Portanto, ao nível da arte, ao nível da história e ao nível da linguagem, temos um tipo de experiência que produz uma verdade que não é de caráter lógico-semântico (STEIN, 1996, p. 44).

Portanto, a idéia da obra, em seu pano de fundo, pretende mostrar que a verdade é um acontecer mediado pela historicidade e pela linguagem, questionando de forma contundente a reivindicação de exclusividade, neutralidade e certeza do método experimental. Com isso, Gadamer aponta para outras formas de experiência que não se esgotam na subjetividade

transcendental do método lógico-analítico, direcionando sua crítica ao chamado processo de ‘distanciamento alienante’ provocado pela objetividade da ciência moderna.

A compreensão exige uma fusão de horizontes em que intérprete e texto vão se modificando durante a interpretação. Na verdade, a hermenêutica envereda para uma releitura do mundo, guiada pelo intérprete, que tem diante de si infinitos panos de fundo, tanto do texto quanto de si próprio. Esta releitura e reconstrução nunca é definitiva e nem a verdade reina absoluta e inconcussa. É a relativização das interpretações onde passa a valer também o ponto de vista do intérprete, o qual não consegue permanecer imune (sem envolvimento) ao processo.

A hermenêutica, ao contrário do método científico, abre-se para o acolhimento do outro enquanto diversidade e ao mesmo tempo aproxima-se mais da vida, que não se repete no outro da mesma forma. A hermenêutica critica a concepção metódica da objetividade científica oportunizando, em contrapartida, uma noção de “sentido objetivo”.

O que é compreendido na compreensão, é verdade, a qual ultrapassa a esfera do conhecimento metódico; como, por exemplo, na experiência de um tu, da arte, da tradição humanística. É por isso que o título de sua obra *Verdade e Método* deve ser lido com cuidado; talvez primeiramente como contraposição de verdade e método. Mas Gadamer não quer apresentar para essas áreas uma tecnologia da compreensão, portanto, não quer construir um método da compreensão (STEIN, 1986, p. 37-38).

Gadamer não está preocupado em construir uma tecnologia da compreensão para explicação ou interpretação de textos. Com isso, foge do cerco de Schleiermacher e Dilthey que queriam, a exemplo das ciências, encerrar a

interpretação em um método definitivo para interpretações definitivas. A tarefa de encontrar um método “não é possível nem desejável” (HOLLIDAY, 1990, p. 111). Seu intuito era, com isso, superar as limitações que um provável método viria a impor no trabalho da hermenêutica.

Portanto, a crítica refere-se à não aceitação ingênua das imposições da ciência e da cultura, mas através delas identificar e restabelecer o elo da historicidade que as fundamenta e justifica. A partir disso, o horizonte da compreensão da razão hermenêutica se abre, dando margem à interpretação. Aliás, é do caráter hermenêutico a concepção de abertura de horizontes que se fundem infinitamente.

A obra prima de Gadamer foi, como vimos, propositadamente dividida em três grandes blocos. A primeira trata da análise da obra de arte, a qual vem caracterizada pelo subtítulo: “A liberação da questão da verdade desde a experiência da arte”. Nela o autor procura mostrar que a experiência estética proporciona uma abertura de horizontes que permitem compreender a verdade a partir do simplesmente dado, do não dito. Na segunda parte, que trata da “Extensão da questão da verdade à compreensão nas ciências do espírito”, empreende uma exaustiva e minuciosa análise, através da qual

[...] critica o entendimento da consciência histórica como fixação do passado, como algo que paire acima de nós mesmos, porque, ao contrário de qualquer imobilidade, a história é sempre compreendida em referência ao presente (HERMANN, 2002, p. 42).

Na última parte, Gadamer expõe a “Virada ontológica da hermenêutica no fio condutor da linguagem”. A oportuna e profunda análise sobre a linguagem permite pontuar sua centralidade e significado no processo de compreensão.

Assim, resumindo, com o conteúdo e as pretensões de **Verdade e Método**:

Gadamer realiza a superação da filosofia da subjetividade, vinculando o sujeito que compreende a historicidade. A crítica à consciência estética e à consciência histórica conduz ao abandono da idéia de objetividade e do fundamento cartesiano da ciência moderna, para deixar revelar a verdade na linguagem (HERMANN, 2002, p. 43).

A EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA

O complexo conjunto temático de **Verdade e Método** não se limita apenas a uma exposição e comentários reflexivos sobre a filosofia de Martin Heidegger. Com sua minuciosa abordagem de cada tema, Gadamer oportuniza uma reelaboração da hermenêutica filosófica a partir da experiência enquanto revelação da finitude no horizonte da historicidade. Portanto, apoia-se na filosofia de Heidegger, mas nem por isso acompanha o seu ideário filosófico do início ao fim. Segundo Stein, Gadamer,

[...] parte de uma situação circunstancial da nossa época em que percebe uma espécie de ponto cego, uma espécie de elemento de estrangulamento das ciências humanas, das ciências do espírito e vê a necessidade de tomar esse elemento como ponto fundamental de sua reflexão. É claro que na hermenêutica filosófica de Gadamer aparece a temática da finitude, a temática da historicidade. Mas o conceito central de **Verdade e Método** é a expressão “experiência”. O problema da experiência é desenvolvido de várias maneiras, mas sempre dando ao conceito de experiência uma amplitude que substitui de certo modo aquilo que no universo lógico-semântico se chamaria o processo dedutivo. A “experiência” é justamente a expressão com que Gadamer procura nos sugerir

que temos uma possibilidade de representação ou de descrição de uma totalidade e essa totalidade é totalidade da experiência de mundo. Há, portanto, um universo fundamental do ser humano que pode ser descrito por essa experiência (GADAMER, 1996, p. 69-70).

O ponto central, em torno do qual se articula a trama de temas de **Verdade e Método**, é o conceito de experiência, porque Gadamer percebe que a ciência é absolutamente surda aos apelos da historicidade. O aparato metodológico da experiência lógico-analítica opera com outras categorias, as quais visam neutralizar e isolar o experimento de qualquer antecedente histórico. Como a ciência moderna se articula em torno da objetividade e neutralidade do experimento, a dimensão da subjetividade histórica não pode ter relevância no processo de produção do conhecimento. Assim, para a ciência,

Uma experiência só é válida, na medida em que se confirma; nesse sentido, sua dignidade repousa na sua reprodutibilidade principal. Mas isso significa que, por sua própria essência, a experiência suspende em si mesma sua própria história e a extingue (GADAMER, 1999, p. 513).

É da análise crítica da dialética hegeliana que Gadamer vai reter o conceito de historicidade enquanto fundamento para a elaboração e tratamento do conceito de experiência hermenêutica. Neste sentido, um conceito histórico e dialético de experiência deve ser proposto em oposição ao conceito de experiência obtido pela repetição e verificabilidade do método lógico-analítico. A dialética da experiência resulta, segundo Gadamer (1999, p. 525), não num saber concludente, como pretende o saber da experiência científica, mas essencialmente na “abertura à experiência que é posta em funcionamento pela própria experiência”. Com

isso, Gadamer recoloca a experiência na essência histórica do homem. E, por isso, a experiência humana é a experiência dos limites, a percepção consciente e radical da finitude.

É experimentado, no autêntico sentido da palavra, aquele que é consciente desta limitação, aquele que sabe que não é senhor do tempo e nem do futuro. [...] A verdadeira experiência, portanto, é aquela que nos ensina a reconhecer o que é real. Conhecer o que é vem a ser, pois, o autêntico resultado de toda experiência e de todo querer saber em geral. [...] A verdadeira experiência é aquela na qual o homem se torna consciente de sua finitude. [...] é, assim, a experiência da própria historicidade (GADAMER, 1999, p. 527-528).

A experiência hermenêutica implica, fundamentalmente, na abertura acolhedora e reconhecimento do outro como “fim em si mesmo”, como alguém capaz de ser portador de verdade.

Se não existe esta mútua abertura, tampouco existe verdadeiro vínculo humano. Pertencer-se uns aos outros quer dizer sempre e ao mesmo tempo poder-ouvir-se-uns-aos-outros. Quando dois se compreendem, isto não quer dizer que um “compreenda” o outro, isto é, que o olhe de cima para baixo. E igualmente, “escutar o outro” não significa simplesmente realizar às cegas o que o outro quer. [...] A abertura para o outro implica, pois, o reconhecimento de que devo estar disposto a deixar valer em mim algo contra mim, ainda que não haja nenhum outro que o vá fazer valer contra mim (GADAMER, 1999, p. 532).

Essa dimensão da abertura, do sair ao encontro do outro e acolhê-lo como alteridade, implica também “abertura à tradição que possui a consciência da história efetual” (GADAMER, 1999, p. 532), significando o fato de estarmos

conscientes de que somos, permanentemente, determinados pelos fatos históricos, os quais, no entendimento de Stein, podem tanto limitar quanto, se explicitados, servir como impulso ao desenvolvimento da compreensão. Assim, colocada como o problema central onde a hermenêutica se estriba,

A consciência da história efetual faz com que o sujeito perca a soberania do processo compreensivo [...] de modo que a compreensão seja uma conversação. A verdade é uma abertura de sentido, que ocorre na aplicação da história efetual (HERMANN, 2002, p. 57).

Gadamer quer resgatar o “preconceito” como parte essencial do processo de interpretação. Reconhece a historicidade como pano de fundo que dá sustentação ao conhecimento. Denomina “prejuízo” ao efeito da tradição, fazendo um inventário detalhado de como o iluminismo deturpou o significado do termo, deixando escapar o seu verdadeiro sentido, a tal ponto que hoje, no seu uso corrente, predomina o aspecto pejorativo.

Portanto, para Gadamer, a experiência, como via de acesso e fonte de todo o conhecimento, permite revelar ao homem, na abertura de sentido que proporciona, a consciência da sua finitude enquanto envolvido e determinado pela trama da história. A experiência, ao mesmo tempo em que revela, abre o mundo para ser conhecido; também o vela. É nesse movimento dialético entre o velar e o revelar que se engendram e se fazem explicitar os limites do humano.

O PERGUNTAR HERMENÊUTICO

Na tentativa de compreender o fenômeno hermenêutico do conhecimento, Gadamer explora em profundidade a dialética da pergunta

e da resposta. A experiência, fonte do saber, é fruto do perguntar e, portanto, já o pressupõe antecipadamente, se for um perguntar autêntico. A abertura, que é própria da essência da experiência, tem nela a estrutura do perguntar. Portanto, a experiência e o ato de perguntar se consomem numa e mesma atividade, porque visam um saber que ainda não foi explicitado. Assim, tal como a experiência, o perguntar se funda na negatividade radical do saber que não se sabe. Nas análises que Gadamer faz para aprofundar-se sobre a essência do ato de perguntar, portanto, recua até a “docta ignorância” socrática, a qual sintetiza, de forma magistral, a mencionada aporia do não saber e do saber.

Contudo, toda pergunta precisa ter um sentido de orientação, isto é, precisa ser colocada numa determinada perspectiva. Esta perspectiva se funda, basicamente, no não saber e no fato de desejar saber. Portanto, o ato de perguntar é prenhe de negatividade, do saber que não se sabe, do ter consciência da ignorância, o que, por sua vez, vinha explícito no objetivo de Sócrates. Ignorar e saber estão imbricados na estrutura da pergunta que, ao ser efetivada, produz uma espécie de rompimento, ruptura da coisa para a qual a pergunta está direcionada, colocando-a “no aberto”. Na estrutura da pergunta está pressuposto um saber implícito, ou seja, a consciência do não saber e o não saber efetivo que irrompe através da indagação.

Por isso, todo o saber se articula através da pergunta, a qual tem a função de colocar “no aberto” o perguntado em sua questionabilidade. Vimos, então, que o perguntar vive da negatividade e da abertura. Em que consiste, todavia, esta abertura que possibilita o rompimento da coisa no ato de perguntar? A abertura colocada pela pergunta consiste, basicamente, em que, no perguntado, a resposta nunca está definitivamente dada. Ela o põe em

suspenso. Portanto, perguntar é colocar o perguntado “no aberto”, é postar “no aberto”. “Ele tem de ser colocado em suspenso de maneira que se equilibrem o pró e o contra” (GADAMER, 1999, p. 535). Isso nos dá a entender que no perguntar hermenêutico a resposta nunca é completa, mas condição fundamental para recolocar, sempre de novo, a pergunta. Uma vez colocada a pergunta, ela permanece como que guardiã permanente dessa abertura. O colocar “no aberto” permite revelar o sentido da coisa para a qual a pergunta está orientada. É neste jogo do revelar-velar que a abertura adquire significado, porque produz um novo saber. Neste sentido, para Gadamer (1999, p. 535),

a abertura do perguntado consiste em que não está fixada a resposta. O perguntado tem de pairar no ar frente a qualquer sentença constatadora e decisória. O sentido do perguntar consiste em colocar em aberto o perguntado em sua questionabilidade.

Portanto, a abertura que a verdadeira pergunta na sua autenticidade proporciona permite colocar em suspenso o perguntado na sua questionabilidade, ou seja, na sua possibilidade de ser sempre recolocada a pergunta pelo desvelamento, sempre incompleto, do seu ser, de tal maneira que se depurem os prós e os contras. Segundo Hermann (2002), a formulação da pergunta implica o jogo dialético entre abertura e limitação. A abertura, no entanto, encontra seus limites nos pressupostos que a sustentam enquanto horizonte onde se situa e para onde está orientada a pergunta.

Perguntar é o caminho imprescindível para se aprender. Quem pergunta é porque tem dúvida. Alguém que duvida sente-se inseguro. A insegurança é a filha diletta do não saber. Ela se revela na pergunta, refletindo nosso desejo de encontrar bases sólidas e confiáveis para apoiar

nossas opiniões, desejos, anseios, projetos, aspirações, etc. Por isso, a pergunta é reveladora da incerteza, do fato de nos encontrarmos em terreno movediço. O perguntar põe em suspenso os fundamentos nos quais apoiamos nossas convicções. O não saber, expresso implicitamente na pergunta, revela, previamente, uma parcial e incompleta compreensão sobre o que está sendo perguntado. Aliás, é no perguntar e em torno dele que se funda todo o aprendizado. Quem não pergunta é porque, muitas vezes, não se sente provocado. Alguém que não se sente provocado, incomodado, cutucado, não responde porque não precisa dar respostas. É possível viver sem respostas? E sem perguntas? Toda a pergunta implica uma resposta, que, em geral, dá margem a uma nova pergunta. Não existe o perguntar por perguntar, ou um perguntar sem interesse, sem sentido de orientação. O homem além de perguntar pelo mundo, por si mesmo, pela natureza, é capaz de retroceder ainda mais, perguntar pelo perguntar, ou seja, indagar pelo sentido e importância do ato de perguntar. Portanto, é em torno do perguntar que se articula e fundamenta todo o conhecimento humano.

A pergunta se articula, ou seja, é formulada, a partir da curiosidade. Quem pergunta é porque não sabe e precisa, deseja, quer, pretende saber. Portanto, saber e pergunta se complementam intrinsecamente. Não há possibilidade de saber sem perguntar, e, por outro lado, não há um perguntar sem um mínimo de conhecimento prévio. Aquele que pergunta já vislumbrou algo, já percebeu, ainda que parcialmente, de forma obscura e sem a devida clarividência, o significado daquilo pelo qual dirige a pergunta. O perguntar origina-se do empenho, do esforço humano, na busca de uma fundamentação última primeira, em busca do porquê, ou seja, quer uma fundamentação causal, justificada racionalmente, para o mundo e as coisas que nele se apresentam de modo fenomênico.

Mas, se a experiência e o perguntar instauram-se como condição fundamental para o conhecimento, exercendo, por isso, sua primazia, uma vez que elas se sustentam na dialética do sim e do não, em que consiste o saber? Qual o conceito do saber para o qual se dirige o perguntar hermenêutico? Segundo Gadamer (1999, p. 538), o saber que se engendra a partir do perguntar hermenêutico significa “entrar ao mesmo tempo no contrário”, isto é, naquilo que não é. Portanto, “o saber é fundamentalmente dialético. Somente pode possuir algum saber aquele que tem perguntas, mas as perguntas compreendem sempre a oposição do sim e do não, do assim e do diverso”. Todavia, na dialética do saber deve constar, necessariamente, a oposição, a consideração do contrário. Com isso, Gadamer pretende demonstrar o limite da idéia de método para o saber hermenêutico, baseado no pressuposto de que não há método que ensine a perguntar, mas que tudo depende de que se saiba que não se sabe, ou seja, da consciência da ignorância. Por isso,

todo o perguntar e todo o querer saber pressupõe um saber que não se sabe, mas de maneira tal que é um não saber determinado que conduz a uma pergunta determinada” (GADAMER, 1999, p. 539).

Portanto, a dialética da pergunta e da resposta é a arte de buscar a verdade de forma dialógica, a qual permite articular e manter sempre de pé a pergunta, ou seja, sua orientação para o aberto, e, acima de tudo, continuar perguntando, e, assim, continuar pensando. “Chama-se dialética porque é a arte de conduzir uma autêntica conversação” (GADAMER, 1999, p. 540).

Entretanto, se o saber vive da negatividade de “entrar ao mesmo tempo no contrário” e se a dialética é a arte da conversação que permite a manutenção do perguntar sempre com orientação

para o aberto, qual a estrutura dessa arte de dialogar para o pensar hermenêutico?

Como vimos, a pergunta constitui-se no primordial movimento capaz de conduzir à compreensão. Portanto, ela marca a dinâmica que impulsiona os interlocutores do diálogo para a abertura. Não é sem motivo que Gadamer recua e busca refúgio e inspiração para seu pensar no modelo dialógico platônico. Desperta-lhe a atenção o papel desempenhado pelo personagem Sócrates como aquele que, através de perguntas desconcertantes é capaz de levar o interlocutor a entrar no diálogo, ou seja, leva-o estrategicamente a perguntar, assim, tornando possível a conversação. Diálogo este que somente se efetiva na medida em que permite um expor-se reciprocamente dos interlocutores na sua autenticidade. A pergunta abre a possibilidade da instauração do sentido empurrando os interlocutores ao aberto e convocando-os a deixarem envolver-se inteiramente no processo.

O verdadeiro diálogo tem sua origem no encontro entre pessoas dispostas a ouvirem-se mutuamente – expondo-se, nas próprias opiniões, à avaliação do outro – e a abrirem-se, nesse mesmo movimento, ao que nunca emergira, até então no horizonte da própria compreensão. Com Sócrates o aprender é um permitir vir à luz – um parir – de verdade, que só nasce no duplo movimento de um dirigir-se a, solicitando, e um receber de, que corresponde àquela solicitação (FLICKINGER, 2000, p. 51).

Enfatiza, com isso, não os resultados alcançados no processo dialógico, mas é o próprio processo como movimento circular infundável no qual se instaura a compreensão que entra em questão.

Seria justamente a esse movimento circular do diálogo que Gadamer viria a

designar de ‘círculo hermenêutico’. É nele, dele, que se estabelece a compreensão, isto é, o saber que é envolvimento elucidativo de parte a parte (FLICKINGER, 2000, p. 51).

O diálogo possui a estrutura da pergunta e resposta, e, para isso, torna-se necessário, então, que os interlocutores orientem o assunto para a mesma direção e exercitem-se na arte da compreensão, isto é, saibam se colocar lado a lado. Portanto, o diálogo exige abertura ao outro como alteridade, levando a sério a compreensão de suas proposições. Para Gadamer (1999, p. 541), “levar uma conversação quer dizer pôr-se abaixo da direção do tema, acerca do qual se orientam os interlocutores”. Acompanhar o interlocutor no mesmo passo exige o êxito da compreensão como condição para que o diálogo seja levado adiante. Por isso, “o diálogo requer não abafar o outro com argumentos, mas, pelo contrário, sopesar realmente o peso objetivo da opinião contrária” (GADAMER, 1999, p. 541). O diálogo permite aos interlocutores uma auto-reflexão sobre suas opiniões. Com sua estrutura voltada para o aberto, o diálogo possibilita que os participantes possam chegar a entender-se sobre o objeto da discussão que entrou em pauta. O resultado do diálogo, se for levado a sério, deve levar a um saber mais qualificado do que aquele resultante da simples opinião, porque é um saber que foi sopesado, refletido, tendo passado pelo crivo da crítica. A auto-reflexão ocasionada pelo diálogo autêntico permite depurar os prós e os contras, possibilitando aos interlocutores a superação qualificada de suas posições, bem como afastar-se das simples opiniões.

Entretanto, se, como vimos, o diálogo se estrutura, fundamentalmente, no perguntar e responder, o qual permite, a cada vez, recolocar o perguntado “no aberto”, bem como no acolher

e solicitar o outro na sua alteridade, resta-nos, todavia, indagar ainda, sobre a estrutura comunicativa que possibilita e efetiva a articulação dessa dialeticidade dialógica. Ora, o diálogo articula-se sempre com a mediação da linguagem. Para Gadamer, a linguagem é o *medium* universal, isto é, o lugar, a morada do ser e da realização da própria compreensão. Ela permite-nos formular, na pronúncia, na ação, a trajetória histórico-cultural da qual emana o sentido. O sentido, no entanto, é algo que se inscreve na palavra, que é a articuladora da mensagem, permitindo a revelação do ser, isto é, sua colocação “no aberto” para ser compreendido e anunciado. O sentido, segundo Stein (1996, p. 36), “é algo no qual nós nos movemos, que, em boa parte, já nos é dado”.

Compreender é sempre um ato lingüístico que possibilita sopesar o assunto, sempre tendo em conta a opinião do outro. Sua forma de realização é a interpretação. A linguagem que permite a compreensão é portadora de um sentido que enraíza-se nas experiências do mundo da vida, formando a tessitura, plena de sentido, que inconscientemente carregamos às costas. Portanto, no diálogo dizemos o que já sempre, de alguma forma, somos e através do qual encontramos-nos encadeados um-com-o-outro.

Linguagem é diálogo. Uma palavra que não chega ao outro é morta, pois, o diálogo é com o outro, e cada palavra necessita no momento concreto o tom correto e irrepitível, para que supere a outra grade, a grade do ser diferente e que chegue ao outro (GADAMER, apud ROHDEN, 2000, p. 174).²

A comunicação somente se efetiva na inauguração do ato interativo da escuta e da compreensão. A linguagem permite operar a abertura do significado do ser pela palavra, oportunizando, assim, a atribuição de um sentido.

² GADAMER, H. G. Gw8, p. 369-370.

Por isso, para Stein (1996, p. 16), “o ser humano só conhece através dos conceitos, só conhece através da linguagem [...] somente é racional porque seu acesso ao mundo se dá via sentido, via significado, via conceitos, via palavras, via linguagem”. Entretanto, é preciso ter claro que, para Gadamer, “linguagem não é, aliás, somente a linguagem de palavra. Há a linguagem dos olhos, a linguagem das mãos, mostrar e nomear, tudo isto é linguagem e confirma que linguagem é sempre na relação de um-com-o-outro” (GADAMER, apud ROHDEN, 2000, p. 162). Portanto, a linguagem é tomada por Gadamer num sentido amplo como toda forma de expressão que inaugura a covivencialidade humana, a qual não se limita somente àquela dos símbolos lógicos. A linguagem é a morada do ser e, por isso, habitamos na palavra. Na linguagem sentimo-nos em nossa casa. Nós não apenas possuímos uma linguagem pela qual efetivamos diálogos intercomunicativos, mas somos efetivamente linguagem, nos tornamos humanos a partir dela.

[...] enquanto *medium* da experiência hermenêutica, ela não apenas veicula e faculta nossa capacidade de conceituar o real, mas nela mesma nós vivemos, somos, nos espelhamos, nos projetamos e conceituamos. [...] nos movemos [...] e pensamos, num processo cujo fim não está dado antecipadamente, mas “padecido” e construído historicamente no diálogo entre temporalidade e eternidade, entre contingência e liberdade (ROHDEN, 2000, p. 202).

Por isso, para Gadamer, “O ser que pode ser compreendido é linguagem”.

HERMENÊUTICA E EDUCAÇÃO

A hermenêutica é uma formulação da racionalidade cuja verdade não se apóia nem no objetivismo cientificista, nem no absolutismo das

soluções metafísicas. O fundamento da verdade brota das articulações da vida cotidiana mediados pelo discurso. É, por isso, um conhecimento que se enraíza nas relações práticas da vida cotidiana, portanto muito antes de qualquer tematização racional, o que permite a articulação de outros sentidos possíveis para a prática educativa. A possibilidade de apoiar a verdade na dimensão compreensiva das múltiplas falas que atravessam o processo educacional possibilita que a educação auto-esclareça suas próprias bases fundamentadoras. A crítica da hermenêutica ao objetivismo metodológico da ciência moderna abala os fundamentos da matriz epistemológica sobre a qual se instaura o pensamento pedagógico atual. A idéia de método remete ao imobilismo dogmático do primado da teoria.

Gadamer, como vimos, ao criticar o método lógico-analítico leva-nos a considerar a insuficiência da nossa tradição educativa, cuja tese fundamental se apoia na idéia de formação (*Bildung*). Partindo da radical finitude humana, portanto da historicidade, a percepção hermenêutica de Gadamer aponta para o leque de horizontes, ou panos-de-fundo, que se fundem como possibilidade de conexão no universo educacional. A rejeição da idéia da ‘*tábula rasa*’ rearticula o papel da tradição e dos “prejuízos” como condição de compreensão do processo educativo. “Gadamer nos permite e estimula a explicar o papel que desempenha a tradição na compreensão e a criticar a idéia de que a educação só tem a ver com a idéia da transferência de conhecimentos” (HOLLIDAY, 1990, p. 114).

Para Gadamer, reportando-se a Sócrates, “só se pode aprender através do diálogo”. Quando um fala, sempre fala a alguém, ou seja, estabelece uma relação intersubjetiva. O falar exige a presença de alguém que escute e compreenda o que está sendo dito. Portanto, a educação, na realidade, somente se torna fecunda no diálogo interativo que favoreça a troca recíproca de experiências. Por

isso, “a educação é educar-se. [...] nos educamos a nós mesmos, que um se educa e que o chamado educador participa somente [...] com uma modesta contribuição” (GADAMER, 2000, p. 15).

A primeira experiência da convivência com o outro é o aprendizado da palavra. O falar insere-nos no mundo humano da comunicação. Inicialmente se restringe à imitação de sons. Formulações que vão adquirindo significação na relação comunicativa. A pronúncia da palavra realiza a experiência mais significativa de aprendizado do mundo humano. É no diálogo que, fundamentalmente, nos inscrevemos como humanos. A educação se funda na capacidade de comunicar-se interativamente com os outros. Somente nos educamos porque, já sempre, estamos enraizados no mundo da palavra que sustenta e abre o mundo humano para a experiência do sentido.

O diálogo oportuniza reelaborar a experiência a partir da exposição ao risco, ou seja, efetivamente se aprende a partir dos próprios erros. Para Gadamer, o diálogo é, desde sempre, o ponto articulador do processo educativo, sem o qual é impossível a aprendizagem. Aprender é poder dizer com as próprias palavras, a partir das experiências pessoais, o que se aprendeu. Saber é, portanto, primeiramente saber dizer, isto é, expressar de forma própria aquilo que sabe. Por isso, cada saber é um saber particular com características pessoais, porque vem reelaborado a partir das experiências circunstanciais histórico-culturais e das convicções pessoais, com as devidas ênfases que brotam do equilíbrio entre coração e razão. Assim, se faz necessário o acréscimo da experiência pessoal para que o saber se articule como aprendizagem. Por isso, educar-se depende, antes de tudo, em potencializar as próprias forças na relação permanente com a comunidade viva das pessoas e coisas, também dos valores e tradições, costumes e ambiente.

A vida na comunidade se organiza em torno da convivência. Este fato, segundo Gadamer, oportunizou que o homem, pelo desenvolvimento da linguagem, se sobrepusesse a toda a criação. De fato, nos educamos com os outros. Nos tornamos humanos na relação, na troca de experiências, onde a cada um é dada a oportunidade de reeditar e validar o seu conhecimento. A convivência cria laços e articula o processo de formação da cultura, assim como a transmissão dos valores. A comunidade, instaurada no convívio, se torna fecunda a partir da articulação do encontro com o outro nas suas objeções ou sua aprovação. O cultivo de novas experiências e o intercâmbio faz despertar as forças que dormitam como potencialidades internas.

A relação entre educador e educando oportuniza o despertar da Pedagogia para a compreensão mais ampla do horizonte vivencial de cada educando. Por isso, o processo educacional não se restringe apenas a uma mera transmissão de conhecimentos, mas envolve também um conjunto de fatores indizíveis, não tematizados e possivelmente não tematizáveis que dão sustentação às nossas ações. Assim, a hermenêutica ocupa o seu espaço no processo educacional enquanto orientadora das ações de interpretação compreensiva da fecunda herança cultural que carregamos às costas.

A hermenêutica nos permite, portanto, perceber que a racionalidade não existe em sua forma pura, ela sempre vem permeada de um conteúdo de experiência, como forma de aprendizado da radical finitude humana. A racionalidade se constitui a partir da palavra, do falar, escrever, enfim, na possibilidade de dialogar. Através da palavra ocorre a transmissão da cultura e torna-se possível a educação pela inserção do homem no mundo humano que é o mundo da linguagem, da comunicação. Nisso está o sentido do ato de educar, termo tão controvertido na atualidade.

A hermenêutica mostra-nos que enganamos os que acreditam que educar encerra-se no ato de ensinar o resultado das ciências, os costumes e a tradição, como saberes já instituídos e invioláveis. É, segundo ela, o ato de oportunizar o rompimento com o estabelecido, com o fixo, com o aparentemente imutável, certo e acabado. Ensinar, portanto, consiste em favorecer ações comunicativas que motivem o questionamento.

A curiosidade é uma aliada indissociável do perguntar. O próprio ato de educar se funda na curiosidade despertada pelo diálogo com o mundo. Mais precisamente, o ato de educar se funda, dialogicamente, na capacidade humana de questionar o tido como acabado e definitivo. Evidentemente, não é o que vemos hoje em nossas escolas. Nelas a pergunta perdeu o seu lugar. Muito mais, perdeu o sentido, a razão de ser. Educar hoje se restringe apenas a repetir sem qualquer indício de problematização.

Portanto, a educação é um processo de hominização onde a vida é, fundamental e essencialmente, reinvenção permanente, abrir caminho, romper amarras, apostar no inédito. Para Gadamer (2000), “a educação é educar-se, a formação é formar-se”, isto é, nos educamos a nós mesmos através do diálogo em comunhão com os outros no mundo. Com isso, a hermenêutica filosófica aposta na idéia de que não há uma fórmula pronta para educar, mas

que esta se dá na experiência da convivência permanente de uma situação em processo. A educação funda-se nas potencialidades, nas experiências, e principalmente nos erros. É através das falhas que o aprendizado se instaura e valida numa conotação particular. A educação efetiva-se como possibilidade no ato comunicativo que sempre somos, justamente ali onde a linguagem, que se realiza plenamente no diálogo, atua como *medium* na transmissão consciente ou inconsciente dos “prejuízos”, dos desejos, anseios e projetos. Segundo Stein,

Nós não somos apenas sujeitos que apreendem a massa de informação que nos é oferecida nas escolas, nas especializações, mas somos indivíduos produzidos pelos movimentos culturais, pelos processos históricos involuntários, portanto, temos uma biografia que não se compõe apenas pela rigidez de certos parâmetros oficiais (STEIN, 1996, p. 52).

Enfim, o paradigma hermenêutico abre a possibilidade de uma educação que considere não apenas o indivíduo isoladamente. Todo o seu caráter histórico e cultural entra em questão, articulando a crítica e apontando alternativas para a superação dos modelos educacionais vigentes, vinculados ao instrumentalismo do paradigma científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, M. V. Pesquisa ação e hermenêutica: interpretando a tradição em educação popular. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, jul./dez. 1994.

FLICKINGER, H-G. Da experiência da arte à hermenêutica filosófica. In: ALMEIDA, C. L. S; FLICKINGER, H-G; ROHDEN, L. **Hermenêutica filosófica**: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 27-52.

GADAMER, H-G. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **La educación es educarse**. Barcelona: Paidós, 2000.

HERMANN, N. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOLLIDAY, J. **Educación, gerencialismo y mercado**. Madrid: Morata, 1990.

PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ROHDEN, L. Hermenêutica e linguagem. In: ALMEIDA, C. L. S.; FLICKINGER, H-G; ROHDEN, L. **Hermenêutica filosófica** – nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 151-202.

STEIN, E. J. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **Crítica da ideologia e racionalidade**. Porto Alegre: Movimento, 1986.